

Cinemas Periféricos em Juiz de Fora: A Nostalgia do Cinema da Floresta¹

Christina Ferraz MUSSE²
João Gabriel Xavier MARQUES³
Maria Clara Magalhaes CABRAL⁴
Mayara FERNANDES⁵
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo busca apresentar brevemente os conceitos de nostalgia e memória, além de relacioná-los às lembranças de ida ao cinema por moradores do bairro Floresta de Juiz de Fora. Utilizando autores como Raruzza Gonçalves e Christina Musse, a pesquisa tem como objetivo discutir a história do Cinema da Floresta, os impactos dele na região e sugerir a presença de sentimentos nostálgicos no depoimento de ex-frequentadores do espaço. Essas falas foram recolhidas na produção de um episódio em webdocumentário sobre o Cinema da Floresta que integra o canal do YouTube “Cinemas de Rua de Juiz de Fora” – também abordado neste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; floresta; memória; nostalgia; webdocumentário.

1- Introdução

O presente artigo pretende abordar a história dos ex-frequentadores do Cinema da Floresta, uma já desativada, mas relevante sala de exibição de Juiz de Fora. O espaço serviu como fonte de entretenimento para moradores de uma comunidade isolada, longe do centro da cidade.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante do 27º Congresso de Ciências de Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2024.

² Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime) e coordenadora do projeto “A experiência na ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação”. E-mail: cferrazmusse@gmail.com.

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime), pesquisador do projeto “A experiência na ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação”. E-mail: jgxmarques@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime), bolsista de iniciação científica do projeto “A experiência na ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação”. E-mail: mariaclaramcabral@gmail.com.

⁵ Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória (Comcime), bolsista de iniciação científica do projeto “A experiência na ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação”. E-mail: mayarafernandes2000@hotmail.com.

O projeto “A experiência na ida ao cinema: subjetividade, memória e comunicação” da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) produz, através do canal “Cinemas de Rua de Juiz de Fora”, webdocumentários que buscam depoimentos de pessoas que tiveram as vidas tocadas pelos antigos cinemas de rua da cidade. Em cada episódio, depoimentos ilustram como era frequentar, trabalhar e ir aos espaços de exibição cinematográfica presentes em Juiz de Fora e região.

As falas são recolhidas respeitando a metodologia da história oral, que privilegia testemunhos individuais e não oficiais sobre eventos passados. De acordo com Paul Thompson (1992), a metodologia busca dar voz àqueles que foram ignorados pela história oficial. “A história oral pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1992, p.22).

Além de apresentar os conceitos de memória e nostalgia, o artigo tem o objetivo de relatar a história do Cinema da Floresta, sua importância para a região e como foi a construção do episódio que já se encontra disponível no canal do YouTube. É através das produções dos episódios que é possível devolver à sociedade os resultados das pesquisas produzidas pelo projeto.

2- Memória e Nostalgia na ida ao cinema de rua

Os cinemas urbanos representavam centros de socialização, entretenimento e encontros, tradição que ainda permanece nas memórias locais (ARANTES; MUSSE, 2014), mesmo com a inexistência atual desses espaços, o que abre oportunidades para também estudar o sentimento de nostalgia motivado pela falta de tais locais, presente na memória de seus antigos frequentadores.

Ao tocar na ideia de “memória” é necessário realizar distinções entre o que se entende, conceitualmente, por “memória” de forma dissociada de “história”. Além disso, há de ressaltar que é impossível definir ambos os conceitos de forma homogênea.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo se opõe uma à outra. A memória é vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução [...] A história é a reconstrução sempre problemática e

incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A história, uma representação do passado. (NORA,1993, p,9)

Podemos, então, nos atentar para a característica de “vida” da memória, de sua maleabilidade, podendo um mesmo fenômeno ser enxergado de maneiras distintas por pessoas distintas, dada a experiência pessoal e repertório de cada uma.

Conforme Pollak (1992) e suas interpretações da obra de Maurice Halbwachs, é impossível dissociar totalmente a memória do indivíduo da memória do grupo em que ele se insere.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 e 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.201).

Assim, é estabelecido que a memória individual coexiste com a coletiva. A experiência de uma pessoa sendo impactada por todo o ambiente em que vive e outros indivíduos, que, por sua vez, estão construindo suas próprias experiências. Dessa forma, os cinemas periféricos em uma comunidade, criam laços sociais e formam o comportamento no tecido social daquele grupo. (MUSSE; MARQUES; CALHEIROS; CABRAL, 2023).

A nostalgia, por sua vez, ocorre quando se experimenta um estado emocional marcado pelas lembranças de vivências passadas ou passados idealizados, ligadas a memórias emocionais ou momentos importantes, que não estão acessíveis a nós no presente. “Nostalgia (de nostos – voltar para casa e algia – saudade) é a saudade de um lar que não existe mais ou nunca existiu. A nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas também é um romance com a própria fantasia” (BOYM, 2008,p.93).

O crescimento dos cinemas periféricos, como o Cinema da Floresta, tem influência na demanda da população por conteúdos audiovisuais, uma vez que as salas de cinema centrais não ofereciam uma acessibilidade para os moradores mais distantes migrarem para os centros urbanos em busca de entretenimento. (MUSSE; MARQUES; CALHEIROS; CABRAL, 2023). A falta desses cinemas no presente reflete a impossibilidade de realizar esse ato nos dias de hoje, o que sugere a presença do sentimento nostálgico na memória individual que os ex-freqüentadores têm da antiga

sala. Essas lembranças, por serem criadas de experiências compartilhadas, também se tornam memória coletiva.

3- Cinema da Floresta

Em um sábado, dia 10 de novembro de 1945, Juiz de Fora presenciou uma mudança: a inauguração do Cinema da Floresta, no bairro Floresta, um importante cinema de rua da região sudeste, distante a 17 quilômetros da Manchester Mineira. O cinema era da fábrica de tecidos São João Evangelista S.A., comprada em 1923 pela família Assis.

A casa de espetáculos atendia principalmente os funcionários da Fábrica e da Fazenda da Floresta. O dia da inauguração marcou a região, sendo noticiado em um dos principais jornais da cidade, o ‘Diário Mercantil’

Uma noite gloriosa viveu sábado último a aprazível localidade da Floresta. A inauguração do cinema local era um sonho há muito acalentado pelo operariado da Fábrica São João Evangelista S.A. e da Fazenda da Floresta. (Diário Mercantil, 1945).

A inauguração foi uma festa, com a presença dos trabalhadores, família Assis e banda de música. Para a primeira exibição do Cinema da Floresta a escolha foi ‘Rosa da Esperança’ filme sobre ambientado nos primeiros meses da Segunda Guerra Mundial. Com direção de William Wyler e protagonizado por Greer Garson e Walter Pidgeon recebeu várias premiações, inclusive o Oscar de Melhor Filme de 1943.

O cinema foi inaugurado com capacidade para 500 pessoas, em cadeiras modernas para a época, com aparelhagem de qualidade. A edição do dia 14 de novembro de 1945 do Diário Mercantil elogia os equipamentos: “O seu aparelhamento de som é excelente e o projetor, dos mais modernos” (Diário Mercantil, 1945). O principal objetivo do Cinema da Floresta era proporcionar alegria, diversão e lazer para os funcionários e familiares.

4- Produção do episódio

Diante do estudo realizado sobre a história do Cinema da Floresta, foi possível entender o papel significativo que essa sala de cinema desempenhou na cidade de Juiz de Fora e no bairro Floresta, onde estava localizada. O cinema proporcionou muitas vivências para seus frequentadores. Mesmo uma década após encerrar suas atividades,

nos anos 1960, ele ainda era lembrado pelo show dos Novos Baianos, conforme relembra Márcio Assis, em fala recolhida por Gonçalves e Musse

Aí, um dia, um amigo nosso “pinta” nessa Fogueira (próxima ao açude do Rancho, que se localizava na Floresta) com nada mais nada menos que os Novos Baianos inteiro: Baby Consuelo, Moraes Moreira e a trupe. Estes tinham acabado de gravar “Como dois e dois”. Estavam em Juiz de Fora e não tinham onde ficar, e eu, muito loucamente, os levo para ficar na Casa Grande da Floresta (ex- sede da fazenda). Nossa! Lembro que, na noite seguinte, o Cinema da Floresta estava lotado só de alternativos, claro, para o Show dos Novos Baianos (GONÇALVES; MUSSE, 2012, p. 6).

O episódio “[15] Cinema da Floresta” disponível no YouTube buscou recolher, através da história oral, depoimentos de pessoas que tiveram suas histórias entrelaçadas com a sala.

Partindo da definição do tema do episódio e da escolha do cinema de rua a ser estudado, os participantes da pesquisa realizaram pesquisa documental em artigos escritos por Raruzá Keara Teixeira Gonçalves e Christina Ferraz Musse, para compreender a história da sala. Além disso, uma visita foi realizada ao Acervo Municipal de Juiz de Fora para capturar páginas de jornais referentes aos anos em que o cinema estava em funcionamento, assim como as notícias da época.

A gravação do episódio ocorreu na região onde o cinema operava na década de 1940, nos arredores da fábrica de tecidos São João Evangelista. Foram realizadas capturas de imagens e vídeos dos monumentos locais para compor as histórias dos entrevistados.

Através do material, busca-se contribuir com a preservação da memória da antiga sala, além de contribuir com novas visões sobre a vivência da época e seu contraste com hoje, através das falas recolhidas. Esses depoimentos instigam a investigação sobre a valorização ao passado, representada pelo sentimento nostálgico, que se mantém conceitualmente próximo da memória.

REFERÊNCIAS

[15] Cinema da Floresta. Produção de João Gabriel Marques; Maria Clara Calheiros; Mayara Fernandes. Juiz de Fora: **Cinemas de Rua de Juiz de Fora**, 2023. P&B. Série Episódio 15. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vcQHue2mebk>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ALAVANCA Propulsora do progresso industrial da cidade. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano 34, 14 nov. 1945.

BOYM, S. **O Futuro da Nostalgia**. Basic Books, Nova Iorque, 2008.

GONÇALVES, R. K. T.; MUSSE, C. F.. Identidade e Memória: Narrativas orais sobre o Cinema da Floresta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. **Anais** [...]. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2011. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1367-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GONÇALVES, R. K. T. Recortes biográficos: Narrativas sobre o “Cinema da Floresta. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2011, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0910-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GONÇALVES, R. K. T.; MUSSE, C. F.. **Patrimônio oral: memórias sobre o Cinema da Floresta e a Produtora de Cinema Regina**. 2012. Disponível em:
<<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3802/2200>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MUSSE, C. F.; MARQUES, J. G.; CALHEIROS, L. P.; CABRAL, Maria C. M. Os cinemas de bairro de Juiz de Fora, MG: as memórias do Cine Rex. In: ALCAR 2023, 14., 2023, Niterói. **Anais** XIV Encontro nacional de história da mídia. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1zN0gnH9Fa4yZI8H9_zxkFIPCH7R-d9Z0/view>. Acesso em: 12 abr. 2024.

NORA, P. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993.

Um Filme de. **Prêmios Oscar 1943**. Disponível em:
<<https://umfilmede.com/premios-e-festivais-categorias/1/oscar/1943/>>. Acesso em: 10 abr. 2024.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº 10, 1992.